

## EPISTEMOLOGIA

### Epistemology

**Paulo Romualdo HERNANDES**

Faculdade UNOPEC

**Resumo:** Este texto pretende fazer um relato histórico do desenvolvimento da epistemologia tendo como fundamento os filósofos em que esse tema recebeu destaque. Abordar de que forma o ser humano, na visão dos filósofos, desenvolveu conhecimentos, e como os fez.

**Palavras-chave:** conhecimento, desenvolvimento humano, cultura.

**Abstract:** This text is about the development of the epistemology in the thought of the principal philosophy of this theme. The development of the knowledges and how the men make them.

**Key-words:** knowledge, human development, culture.

### Introdução

O texto que ora se segue foi forjado entre aulas e debates com os alunos de filosofia dos cursos de Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Relações Internacionais e Comunicação Social da Unopéc. Portanto, apresenta-se de forma didática colocando em foco de forma epigramática o desenvolvimento histórico da epistemologia. O leitor certamente notará que em momento algum se procura aprofundar os assuntos apresentados, mas apenas mencionar as linhas gerais de cada pensamento enunciado. Notará também que os exemplos apresentados para facilitar o entendimento são próprios para uma exposição didática.

Inicialmente, como não poderia deixar de ser, será abordado o pensamento grego antigo sobre o desenvolvimento do conhecimento humano. Platão e o conhecimento perfeito do mundo das idéias. Aristóteles e o instrumento de verificação das verdades e incoerências do pensamento científico, a lógica. Uma rápida passada pela Idade Média e os conhecimentos como revelação divina, que estão nas Sagradas Escrituras, na palavra dos padres, mártires, santos da Igreja Católica. E aí de quem questionar!

O racionalismo, sobretudo cartesiano e o empirismo inglês surgindo como um rompimento com as verdades possíveis apenas entre os muros das igrejas, monastérios, nas interpretações da Bíblia pelos teólogos e filósofos da igreja. O

homem pode conhecer, basta um caminho para observar, perceber os conhecimentos verdadeiros que estão na razão, para os racionalistas, ou na observação da prática, para os empiristas. Uma abordagem sobre o pensamento crítico kantiano em torno das possibilidades do conhecimento *a priori* e *a posteriori* da razão humana.

Por fim, o pensamento dialético de Hegel, o diálogo de contradições entre a consciência e a realidade histórica como possibilidade para o conhecimento. E o materialismo histórico e dialético de Karl Marx: o homem, ser consciente, desenvolvendo conhecimentos a partir da produção de suas necessidades fruto do diálogo da realidade material e sua consciência.

### **A Grécia Antiga**

Atenas, na Grécia continental, tornou-se século V a.C, a principal praça de encontro dos povos do Mediterrâneo. Foi por lá que começaram a surgir os amantes do saber, o filósofo e a debater sobre o conhecimento. Aqueles que passavam seu tempo investigando, questionando as coisas, as origens, o conhecimento, as melhores formas de política, ética.

Platão, um dos principais filósofo ateniense do século de ouro da Grécia, saiu-se com essa: existe um mundo do saber, lugar que tudo é perfeito, é o mundo da idéia, lugar supra lunar (acima da Lua), e existe o mundo da realidade, lugar do fazer, lugar que as coisas se deterioram. Os homens que vivem intensamente a realidade material seriam prisioneiros de uma caverna, de repente, um deles (o filósofo) teria seguido uma luz e descoberto um mundo para fora da caverna. A luz para o discípulo de Sócrates é justamente a Idéia que o homem recebe (se ele for uma amante do conhecimento) desse mundo espiritual da mesma maneira que a natureza recebe a luz do sol para viver.

O que é mais importante, segundo a visão platônica, é a idéia desenvolvida pelo filósofo; ele tem o conhecimento (a idéia, a iluminação) das coisas, que será eterno e que poderá ser aprimorada por sua razão. O fazer é apenas a realização de uma idéia, mas que logo se deteriorará. Evidentemente para o filósofo gregos as idéias sobre as coisas seriam muito mais importantes e essenciais para o desenvolvimento da humanidade que a própria coisa, pois seriam eternas.

E, como o filósofo teria a idéia, na visão platônica? A alma humana quando livre do corpo, este presídio, viajaria pelo mundo dos deuses perfeitos e imortais,

avistaria, caso fosse interessado pelas coisas espirituais, as idéias perfeitas de todas as coisas. Da visão que tivera sua alma, seu espírito desenvolvido, consciente no mundo Supra Lunar, no Mundo das Idéias é que o espírito humano teria o conhecimento. De volta ao mundo material, se recordaria desse conhecimento, observado no “Mundo das Idéias”, a partir do debate, do diálogo com seus companheiros.

Debate de argumentos contraditórios, dialética, que se tornaria *epistemé*, conhecimento. O argumento vencedor do debate, portanto, seria a verdade.

Platão é um tradutor do que está acontecendo em seu tempo. Atenas, considerada o berço da filosofia, é a praça central para o encontro dos amantes do saber que se concentrarão na praça do Mercado, a *Ágora*, para discutir idéias, conhecimentos. Fazer é coisa para escravos, ou camponeses, ou para políticos, ou artistas, mulheres que cuidavam da economia (eco= casa, nomos = leis, ia = ciência) artesãos, comerciantes, legisladores (que se aproximavam dos filósofos por criarem leis muitas vezes teoricamente). Aos filósofos caberia aprimorar o espírito, desenvolver as idéias para um dia chegar ao conhecimento perfeito. Esta separação entre saber e fazer fez com que muitas idéias, muitos saberes se desenvolvessem apenas teoricamente sem aplicabilidade, mas fez também com que muitas ciências fossem pensadas, refletidas teoricamente com muito cuidado, atenção, para só então serem colocadas em prática.

Aristóteles, discípulo de Platão, desenvolveu a lógica, ou seja, estudo e verificação das veracidades do próprio raciocínio. Para Aristóteles uma idéia só poderia se tornar um conhecimento, um saber após passar por uma análise lógica, uma verificação de suas possibilidades para se tornar, então, um conhecimento universal, isto é, válido para todos os lugares e eternamente.

Aristóteles tinha percebido que para o ser humano produzir conhecimento além do próprio conhecimento (luz, iluminação divina) e da inteligência, que ele chamava alma racional, era preciso um instrumento de organização, verificação deste conhecimento. Surge com ele a busca da verdade científica não só através do raciocínio como queria Platão, mas com a verificação das possibilidades de verdade desse raciocínio.

Aristóteles, continuou o pensamento de Platão de primazia do pensamento em relação ao fazer. O importante para o desenvolvimento humano está na idéia, no desenvolvimento da alma racional. Colocar em prática aquilo que se conhece é

próprio para artesãos, escravos que são fundamentais, segundo ele para a existência da humanidade, mas não para o desenvolvimento da ciência, da filosofia.

Para os três principais nomes da Filosofia antiga, Sócrates, Platão e Aristóteles, o conhecimento humano é gerado fora dele e cabe aos amantes do saber buscar esse conhecimento. Assim, também o desenvolvimento científico humano fica limitado às ciências abstratas, por exemplo, à matemática, à física, à astronomia, à música, à geometria, à aritmética, à lógica, à metafísica etc. As ciências mais empíricas (práticas) ficam por conta dos artesãos, dos homens da prática, que na verdade não receberam na Grécia antiga o *status* de conhecimento.

### **O Cristianismo – conhecimento é revelação**

Após a passagem do Império Macedônico pela Grécia, a partir do século III a. C. e o posterior domínio do Império Romano, que foram grandes admiradores da filosofia e das ciências gregas, a filosofia e a cultura grega de um modo geral se difundiram por toda a Europa. Para se ter uma idéia da influência grega, basta dizer que os evangelhos foram escritos inicialmente nessa língua. Além disso, a partir do século I da era cristã os apóstolos intelectuais São Paulo e São João, tentaram conciliar a religião cristã com as filosofias greco-romanas. A maioria dos grandes filósofos do auge do Império Romano foram estudiosos de Platão, Aristóteles, Sócrates e outros filósofos gregos.

Assim a separação entre o saber e o fazer e o desenvolvimento dos conhecimentos abstratos se perduraram nesses tempos. A partir, no entanto, do domínio do cristianismo sob o mundo europeu, século V d.C., sobretudo, o conhecimento que é revelado por Deus através das Sagradas Escrituras é interpretado, estudado pelos grandes filósofos da Igreja. Entre eles, de início, o maior nome é Santo Agostinho, que não pode mais ser contestado, questionado.

Para a filosofia cristã no lugar do Mundo da Idéias de Platão entra Deus. Assim o ser humano aprende, se desenvolve iluminado que é por Deus, se tiver o Dom e a Fé. Dizia Santo Agostinho: creia para ser inteligente, sendo inteligente, acreditará.

A ciência, o conhecimento só poderia se desenvolver em conformidade com as Palavras das Sagradas Escrituras. De uma certa forma, na ideologia da igreja, o único conhecimento que interessava para a humanidade, nesse momento, era o conhecimento filosófico-teológico. Para que tenhamos uma pequena idéia do que

isso significou vejamos uma carta trocada entre padres da Igreja: Trecho da carta do Cardeal Roberto Bellarmino a padre Paolo Antônio Foscarini:

*Primeiro. Digo que me parece que Vossa Paternidade e o Senhor Galileu ajam prudentemente, contentando-se em falar 'por suposição' e não de modo absoluto, como eu sempre cri que tenha falado Copérnico. Porque dizer que, suposto que a terra se move e o Sol está parado, salvam-se todas as aparências melhor do que com a afirmação dos excêntricos e epiciclos, está muitíssimo bem e não há perigo algum. E isto basta para o matemático. Mas querer afirmar que realmente o Sol está no centro do mundo e gira apenas sobre si mesmo sem correr do oriente ao ocidente e que a Terra está no 3º. Céu e gira com suma velocidade em volta do Sol, é coisa muito perigosa não só de irritar todos os filósofos e teólogos escolásticos, mas também de prejudicar a Santa Fé ao tornar falsas as Sagradas Escrituras. ...2º. Digo que, como o sr sabe, o Concílio proíbe explicar as Escrituras contra o consenso comum dos Santos Padres...(Galilei, 1988, p. 105).*

Esse trecho da carta entre um cardeal e um padre é datada de 12 de abril de 1615. Ela é sobre o matemático e físico Galileu Galilei e as verdades que estava descobrindo em suas pesquisas sobre a Terra e o Sol.

O período que vai do século V d.C. até ao século XV foi chamado por alguns filósofos de Idade das Trevas, no que diz respeito ao conhecimento, isso por que, na visão deles, o homem voltou à caverna, prisioneiro da crença nas palavras sagradas, sem poder buscar novos conhecimentos, novas verdades. Esse foi um período em que a Igreja Católica (que em grego significa universal) se impôs na Europa politicamente, mandava em reis, tinha terras, reinos etc., economicamente chegou a possuir 2/3 das terras européias. E obviamente no desenvolvimento humano, no conhecimento como atestamos acima.

### **O Retorno da Luz – Razão é tudo**

Em que pese as armas que a Igreja utilizou para impor sua verdade sobre tudo e sobre todos, incluindo a Inquisição (Galileu teve que negar que o Sol estivesse no centro do Universo sob suspeita de heresia) seu poder foi ruindo aos poucos.

Depois de frustrada a guerra santa (cruzadas) contra os turcos-otomanos (mulçumanos), a Igreja Católica viu ressurgir na Europa o comércio. Com ele vieram o movimento, as mercadorias e a necessidade de buscar novos cálculos, medidas,

ciências, criações, cultura. Ressurgem as cidades, e com elas as novas necessidades. Comércio é troca, troca de mercadorias, de conhecimentos, de cultura. Assim a Europa vê ressurgir pouco a pouco a busca pelos saberes tal qual os gregos antigos. Não é por acaso que esse ressurgimento ficou conhecido como Renascimento.

Esse período ficou conhecido também como a volta ao humanismo, isto é o conhecimento deve estar voltado para o ser humano e não para Deus. O Homem é medida para todas as coisas, disse Protagora de Abdera, filósofo grego, cuja idéia foi recuperada pelos renascentistas dos séculos XIV em diante.

Nesse retorno à busca do conhecimento, uma pergunta é fundamental para o filósofo responder: se o conhecimento das coisas não é revelado por Deus, como o homem conhece? Como produz, cria coisas. “Essa é uma preocupação que se generaliza a partir do final do século XVI e vai caracterizar a investigação filosófica do século XVII” (Descartes, 1987, p IX). As descobertas eram muitas, não se tratava mais para os pensadores, filósofos e cientistas descobrir novos conhecimentos, mas encontrar o caminho que os levasse a descobertas, conhecimentos seguros e firmes, em outras palavras á verdades indubitáveis, que não estavam mais nas Sagradas Escrituras. Assim, para garantir as certezas, as verdades das descobertas científicas, era preciso um método rigoroso. Neste momento, surge na Europa seiscentista,

*Duas grandes orientações metodológicas surgem então, abrindo as principais vertentes do pensamento moderno: de um lado, a perspectiva empirista proposta por Francis Bacon (1561 - 1626), a preconizar uma ciência sustentada pela observação e pela experimentação, e que formularia indutivamente as suas leis, partindo da consideração dos casos ou eventos particulares para chegar a generalizações; por outro lado, inaugurando o racionalismo moderno, Descartes busca na razão - que as matemáticas encarnavam de maneira exemplar - os recursos para a recuperação da certeza científica (Descartes, 1987, p IX).*

Descartes (1596 - 1650), filósofo francês, desenvolve uma tese radical e extremamente polêmica para a época e mesmo atualmente, qual seja, que basta a razão e um método para que se desenvolva a ciência, isto é, até mesmo a realidade pode ser descartada. De uma certa forma é a volta ao pensamento racionalista grego, mas agora as idéias não estão no mundo das idéias perfeitas, imutáveis e eternas, como vimos em Platão, mas localizam-se na própria razão (são imanentes),

precisando-se para chegar até elas de um método de verificação, classificação do pensamento. O método dedutivo.

Descarte, então, a partir do método dedutivo, chega a uma dúvida radical: pensar que tudo o que acontecia na vida da humanidade não passava de um sonho. Quem garante, diz ele, que no momento em que estou escrevendo este texto, não esteja sonhando com esse momento, afinal quantas vezes sonhei com algo que parecia a própria realidade e não passava de um sonho. A partir dessa dúvida, chega a uma verdade indubitável: tudo pode ser um sonho, mas, uma única coisa não poderia deixar de existir, o pensamento. Concluiu, então, com uma verdade racional, posso duvidar da minha própria existência, mas não que sou um ser pensante: (Se) Penso logo existo.

Na Grã-Bretanha, neste mesmo período, surgirá um pensamento sobre o conhecimento humano, o Empirismo, que é justamente oposto ao Racionalismo de Descarte. Se para Descarte o homem tem como única certeza o fato de pensar - portanto, tudo aquilo que ele conhece está em sua razão, em seu pensamento, bastando para desenvolver a ciência um método, um instrumento de investigação, questionamento da razão - para os ingleses, sobretudo para John Locke (1632 - 1704) o pensamento humano (a alma na visão medieval) é uma tabula rasa, uma espécie de papel em branco, no qual nada se encontra escrito. Locke chegará à conclusão, então, que se o homem adulto possui conhecimento, se sua alma é um "papel impresso", outros deverão ser os seus conteúdos: as idéias provenientes - todas - da experiência.

Mas, de que forma o homem desenvolveria as ciências, de que maneira a tabula rasa se encheria de conhecimento? Para Francis Bacon, já citado acima, e um dos mais importantes filósofos seiscentista, tido por alguns como o inventor da ciência moderna, é preciso criar um novo instrumento, um novo método que se oponha ao *organom* aristotélico e ao racionalismo cartesiano, que pressupõe ser possível organizar, encontrar verdades, nas idéias a partir da própria idéia. O conhecimento, para Bacon e para os empiristas tem que estar relacionado a realidade:

*Criticando Aristóteles, Bacon afirma que 'todas as razões que este aduz em favor da vida contemplativa leva a palma... Mas os homens devem saber que nesse teatro da vida humana apenas Deus e os anjos podem ser espectadores' ...O saber, para Bacon, é apenas um meio mais*

*vigoroso e seguro para conquistar o poder sobre a natureza e não tem valor apenas em si mesmo "(1988, p XII).*

O método de investigação científica no novo *organon* de Francis Bacon e de uma certa forma para todos os filósofos Empirista ingleses, e após, os seus seguidores, levará em consideração a indução e não a dedução lógica\* dos racionalistas, e sobretudo partindo "dos fatos concretos, tais como a experiência, ascende-se às formas gerais, que constituem suas leis e causas" (1988, p. XII).

Certamente este método prático de realizar o conhecimento tem a ver com o surgimento da burguesia industrial na Inglaterra e a Revolução Industrial. No século XVII e quase que todo o século XVIII, na Ilha, na Grã-Bretanha, o conhecimento com seu método prático se desenvolve. A burguesia industrial cria, inventa, recria e domina as ações políticas, econômicas e sociais. Esta vocação dos ingleses como não poderia deixar de ser irá contaminar suas colônias, sobretudo, os norte-americanos.

Enquanto isso o continente europeu continua feudal, Católico e em luta contra qualquer forma de conhecimento novo. A perseguição é implacável, fogo neles. A ciência que se desenvolve no continente é a matemática, ou a física analítica, isto é, conhecimentos investigado racionalmente a partir de deduções lógicas, como racionalismo cartesiano. Conhecimentos abstratos e teóricos (que não deixam de ser importantes), mas que na prática realizam muito pouco.

As coisas irão começar a mudar no continente no final do século XVIII, a partir da revolução burguesa na França tendo como marco a queda da Bastilha no dia 14 de Julho de 1789, revolução que, no entanto, foi concretizada apenas em 1848, com a ajuda de todos os franceses que não pertenciam a nobreza, mas que se estabeleceu de vez como poder de uma única classe social, a burguesia, em 1871, com o massacre dos trabalhadores (comuna) de Paris. A influência e concorrência comercial com a Inglaterra tiveram influência nestas mudanças.

## **Kant, Hegel e Marx os alemães e o conhecimento.**

---

\* Uma explicação sobre dedução e indução se faz necessária neste momento. Indução dos empiristas é a conclusão de um conhecimento a partir de um caso particular, partindo da experiência, por exemplo: Paulo matou Pedro, Paulo matar pedro foi algo, que feriu a ética, a lei, enfim, algo que não é legal, assim Paulo está contra a lei e matar tornar-se-á contra a lei, que será, então, uma lei geral, universal a partir deste caso particular. Já para o método dedutivo, que é próprio dos racionalistas parte-se de uma verdade universal, por exemplo matar não é legal, chega-se a verdades particulares: Paulo matou Pedro, logo Paulo está contra a lei.



Apesar das turbulentas mudanças políticas, sociais e econômicas no continente europeu terem ocorrido primeiro na França, um filósofo da Prússia, hoje Alemanha, Kant (1724-1804) é quem irá formular um tratado sobre o conhecimento e o desenvolvimento das ciências e do método científico. Kant, que admirava e muito a ciência prática dos ingleses, sobretudo do filósofo empirista David Hume (1711-1776), mas que não deixava de conhecer e valorizar o racionalismo cartesiano, percebeu que conhecer não poderia ser apenas uma atividade empírica, prática, de observação dos fenômenos naturais, classificação da natureza. Como se a realidade existisse apenas como conteúdo para preencher a folha em branco que é a mente humana.

O pensamento não poderia ser uma tabula rasa a ser preenchido com observações feitas dos fenômenos da natureza, na memória. Para observar os fenômenos da natureza seria fundamental que o investigador, o pensador, tivesse algum conhecimento inato, que ele chamou de *a priori*. Imaginemos a seguinte situação: uma pessoa que jamais viu fogo à sua frente segue até a uma fogueira e coloca sua mão sobre o fogo, queimando-a. Provavelmente, na visão dos racionalistas esta pessoa, se tivesse investigado sua razão deduziria que o fogo que está tornando a madeira cinzas fará o mesmo com sua mão. Para os empiristas, esta pessoa irá conhecer *a posteriori* que fogo queima, jamais colocará sua mão no fogo novamente, poderá ainda ser induzida (método da indução) a concluir que tudo aquilo que o fogo toca queima como queimou sua mão. Kant dirá, no entanto, que uma pessoa que não conhece um objeto (no caso o fogo) por dedução racional, o fará na experiência, mas que esta pessoa que só conhece (o fogo) e percebe as coisas (que o fogo queima), formulando um conhecimento universal (todo o fogo queima) a partir de conhecimentos *a priori*. Como por exemplo, as noções de espaço e de tempo, ou seja, para conhecer algo (como o fogo) é preciso conhecer de que forma as coisas estão dispostas no espaço, como também no tempo, que o permitam se localizar e o objeto (o fogo) do conhecimento. Também seriam inatas algumas categorias do objeto a ser conhecido (quantidade, qualidade, etc.), que seja possível perceber, antes de qualquer coisa, que entre tudo que há ao seu redor, inclusive o espaço e o tempo, foi o fogo que o queimou.

Apesar do filósofo Kant valorizar a razão desprezada pelos empiristas, muito embora tenha colocado na experiência o desencadear do conhecimento, ele não une razão e experiência, ou teoria e prática em seu método para o conhecimento.

Assim os conhecimentos *a priori*, que são inatos, universais não se modificam, o que se modifica é a prática. Quem irá unir razão e prática para o desenvolvimento da ciência, em um método chamado dialético é um outro alemão, o filósofo Hegel (1770-1831).

Para Hegel o que o homem tem em sua consciência em seu pensamento é a realidade. É a experiência, a prática que se transforma em conteúdo para a razão. As explicações para o desenvolvimento do conhecimento, da ciência, está no método de contradições que Hegel chamou de **dialético**: aquilo que a razão (o espírito para ele) conhece está em contradição com a negação deste conhecimento fazendo surgir uma síntese entre a afirmação e a negação, que é um novo conhecimento, e é isto que faz com que a ciência se mantenha em um movimento constante de transformações históricas. Um exemplo: o homem primitivo tem em seu espírito (manifestado pelo Espírito Absoluto) a idéia do fogo, fenômeno da natureza produzido por raios nas florestas, queimando árvores e folhas; como negação desta idéia tem em seu espírito idéias de folhas e árvores secas e a fagulha que é produzida pelo atrito de pedras e finalmente produz ainda em seu espírito uma síntese entre a afirmação, o fogo, e a negação, o não-fogo, um conhecimento novo que é sua produção de conhecimento.

Estas mudanças constantes do conhecimento, no entanto, para Hegel e a legião de filósofos que ele inspirou, se dá no interior do sujeito, na consciência, no espírito. Ou seja, o ser humano tem em seu pensamento a idéia de fogo, conteúdo obtido na experiência, na realidade, diferente, portanto de Descartes, assim como a negação do fogo, as folhas, árvores secas, o atrito das pedras, e produz em suas idéias um novo conhecimento, o fogo, não mais fenômeno natural, mas criação humana.

Um outro alemão, Karl Marx, inverterá o método dialético de Hegel. A realidade humana está sempre em movimento constante, em função da contradição como ensinou seu conterrâneo, mas as transformações do conhecimento não se dão no espírito, apenas nas idéias como quer o método dialético de Hegel e os seus discípulos, mas sim na realidade material. O ser humano se depara com dificuldades e necessidades históricas de existências (materiais), a partir delas e da consciência que lhe é própria, transforma a realidade material a seu favor, por exemplo, fazendo uso do fogo para aquecer-se do frio, para proteger-se de outros animais, transformando a realidade e transformando-se também.

*"a validade do conhecimento não pode ser medida em um plano puramente teórico, que se abstraia completamente da vida prática. O conhecimento é um momento necessário da transformação do homem por ele mesmo. A tarefa maior de **modificá-lo**. ...Para Marx, os comunistas modernos não podiam aceitar que a reflexão teórica fosse uma atividade sem ligação com a prática e nem podiam fazer como os antigos materialistas, que não reconheciam nenhuma autonomia ao pensamento, reduzindo a consciência a um mero produto passivo de condições exteriores. Tratava-se, pois, de elaborar para os comunistas modernos uma nova concepção, que Marx chamou de materialista prática" (Konder, 1981, p. 67).*

Karl Marx, no entanto, diferentemente de Hegel, por exemplo, não criou e pensou em um método de desenvolvimento da ciência e do conhecimento humano, apenas com este objetivo. Inverteu o método de seu conterrâneo de Stuttgart, para utilizá-lo como instrumento para desenvolver suas pesquisas críticas sobre as sociedades capitalistas que estavam se consolidando no século XIX\*.

### **Para finalizar**

O ser humano produz conhecimento a partir de suas necessidades materiais, conforme ensinou Karl Marx, e, assim, liberta-se das limitações impostas pela natureza. Ser consciente é capaz de construir mentalmente a realidade e transformá-la, transformando a vida e a si mesmo a partir da produção material daquilo que lhe faz falta. Conhecimento que libertou o homem da caverna e o colocou em sua própria habitação, que o levou ao espaço.

Conhecimento que interessou aos amantes do saber em suas reflexões, afinal, como o homem transforma a vida e a si mesmo, como o homem faz conhecimento? E, principalmente, uma outra pergunta feita pelos filósofos: como o homem se desenvolve de maneira tão desigual, como os gregos e os bárbaros, por exemplo? Respostas, explicações e verdades que na maioria das vezes só acentuou a assertiva de que há homens mais inteligentes e outros nem tanto, aumentando assim a diferença entre os próprios seres humanos.

---

\* Na visão marxiana política, econômica, social não é apenas o conhecimento que se transforma em um movimento de contradições, mas a própria história da humanidade.

O desenvolvimento humano é desigual. Para Platão isto acontece porque alguns “prisioneiros”, dessa caverna que é o mundo material, estão mais despertos e próximos de encontrar a luz: o conhecimento. Para Santo Agostinho uns são mais ou menos iluminados que outros por Deus. Deste filósofo do cristianismo, início da Idade Média, vem a idéia de dom divino, presente até nossos dias. Descarte, por sua vez, o filósofo da Idade Moderna, afirma que o conhecimento sendo inato, existem homens mais prontos, maduros, para chegar a esse conhecimento do que outros. Hegel introduz a visão de genialidade. Homens seriam mais dotados que outros. Idealista tanto quanto Platão e Santo Agostinho.

Mas, segundo Karl Marx, estas explicações apenas camuflariam a verdadeira razão de alguns serem mais “inteligentes” e outros nem tanto. Sendo o conhecimento obra do enfrentamento do homem por suas necessidades, que se impuseram desde seu nascimento (como espécie), então, algumas pessoas, alguns grupos, teriam se desenvolvido mais rapidamente, cientificamente falando, do que outros unicamente por necessidade em resolver as pedras que lhe apareceram pelo caminho. Mantiveram esse conhecimento em seu poder, como um trunfo contra os outros seres. Segundo Marx as explicações da filosofia idealista, racionalista seriam na verdade uma ideologia, no sentido de ilusão. As classes, grupos, países dominantes fazendo uso da idéia de que uns homens seriam mais inteligentes naturalmente que outros, por isso mais desenvolvidos, e esta seria a razão de se ter desigualdades entre os povos.

Para o filósofo alemão, o conhecimento diferente entre vários povos, se estabelece em função das necessidades desiguais dos homens ou dos grupos humanos, já que o homem desenvolve-se em função de suas necessidades materiais de existência. Isto teria feito surgir duas classes de homens, em uma mesma humanidade, aqueles que teriam o conhecimento tecnológico, ou que tem os mecanismos de o ter em seu poder e aqueles que não tem, dependendo para sua sobrevivência do conhecimento produzido ou apoderado por aqueles que o mantém em seu controle.

Controle que se tornará poder. O poder dos mais desenvolvidos tecnologicamente sobre os menos. Assim o maior desenvolvimento desse poder tecnológico tornou-se ao longo da história um dos instrumentos de dominação de uma classe de homens sobre outros.

Não existiria, portanto, na visão marxista, gente mais ou menos inteligente, como quer a filosofia tradicional idealista, racionalista, mas pessoas, grupos sociais, comunidades, países que tiveram mais ou menos condições materiais para se desenvolver tecnologicamente.

#### 4. Bibliografia

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. <http://www.abnt.org.br/>.

BACON, Francis. *Novum organum, ou, Verdadeiras indicações acerca da Interpretação da natureza; Nova Atlântica*. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. - 4.ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1998. (coleção pensadores)

DESCARTES, Renê, *Discurso do método; As paixões da alma*. Introdução de Gilles-GRANGER, Gaston; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. - 4. Ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1987 (os pensadores).

ECO, Umberto. *Como se Faz uma tese*, Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FERNANDES JR., Alcebíades, *Dialética da Língua Portuguesa*, Campinas: Copola Livros. 1995.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. 3 e.. - São Paulo: Nova Cultural, 1987. (coleção pensadores)

KONDER, Leandro, *Marx Vida e Obra*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra).

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução Anoar Aiex. - São Paulo: Nova Cultural, 1988. (coleção pensadores)

MATTAR NETO, João Augusto, *Metodologia na era da Informática*, São Paulo: Saraiva, 2002.

REALE, Giovanni, *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*, Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz, Marcelo Perine. São Paulo?: Edições Loyola, [sd].